

CONSOLIDAR O CUIDADO, TENSIONAR A UNIVERSIDADE: NOTAS PARA UMA SOCIOLOGIA SENSÍVEL À VIDA

Ivana de Oliveira Eugênio de Souza Moura¹

GT 01 - Maternidade na Universidade: Ciência, disputa epistemológica e Permanência²

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a consolidação da Sociologia do Cuidado como campo próprio nas Ciências Sociais, tensionando os limites entre especialização teórica e transversalidade conceitual. Frente às transformações contemporâneas, como o envelhecimento populacional, a queda da fecundidade, a precarização do trabalho e as mudanças nos arranjos familiares, o cuidado emerge como categoria analítica central para compreender as formas de sustentação da vida e as desigualdades que as atravessam. A partir de autoras como Tronto, Held, Sorj, Hirata, Guimarães, Molinier e Paperman, discute-se o potencial crítico do cuidado enquanto paradigma ético-político, relacional e situado, que desafia os pressupostos da racionalidade instrumental e do individualismo liberal que marcaram a tradição sociológica moderna. São problematizados os riscos da autonomização do campo, incluindo a fragmentação disciplinar e a possível naturalização do cuidado como atributo feminino. O texto defende que a consolidação da Sociologia do Cuidado requer atenção à pluralidade de práticas e disputas que envolvem sua definição e aplicação. Nesse sentido, o artigo se aproxima e explora o reconhecimento das experiências de mulheres mães no ensino superior como arenas relevantes para a reconfiguração epistemológica do cuidado.

Palavras-chave: Sociologia; Cuidado; Sociologia do Cuidado; Maternidade Universitária.

Abstract: This paper proposes a reflection on the consolidation of the Sociology of Care as a distinct field within the Social Sciences, highlighting the tensions between theoretical specialization and conceptual transversality. In light of contemporary transformations — such

¹ Pesquisadora no Grupo de Pesquisa em Ações Afirmativas e Reconhecimento (GPAAR/PUC Rio), dedica-se aos estudos sobre permanência materna no ensino superior e coletivos materno-universitários. Licenciada em Pedagogia e Sociologia, Mestra em Serviço Social e em Ciências Sociais pela PUC-Rio, atualmente é doutoranda em Ciências Sociais no PPGCIS PUC Rio. É integrante do Coletivo de Mães da PUC Rio, Coletivo Nacional de Mães na Universidade, Núcleo Materna e Associação de Mães Pesquisadoras e Trabalhistas (AMPET). E-mail: ivanamourassg1@gmail.com.

² Trabalho apresentado na 14ª Semana de Ciências Sociais da PUC-Rio no GT 01.

as population aging, declining fertility, labor precarization, and changes in family arrangements — care emerges as a central analytical category for understanding the ways in which life is sustained and the inequalities that permeate it. Drawing on authors such as Tronto, Held, Sorj, Hirata, Guimarães, Molinier, and Paperman, the paper discusses the critical potential of care as an ethical-political, relational, and situated paradigm that challenges the assumptions of instrumental rationality and liberal individualism that have shaped modern sociological tradition. The risks of field autonomization are also problematized, including disciplinary fragmentation and the possible naturalization of care as a feminine attribute. The text argues that consolidating the Sociology of Care requires attention to the plurality of practices and disputes involved in its definition and application. In this sense, the article approaches and explores the recognition of mothers' experiences in higher education as relevant arenas for the epistemological reconfiguration of care.

Keywords: Sociology; Care; Sociology of Care; University Motherhood

1. Introdução

Quem cuida do mundo enquanto ele gira? Essa pergunta, aparentemente simples, ecoa nas entrelinhas da vida cotidiana, nos corredores dos hospitais, nas cozinhas domésticas, nas salas de aula e nas trincheiras silenciosas das universidades. O cuidado, essa prática vital que atravessa os ciclos da vida humana, ainda é, em muitos aspectos, invisível aos olhos das ciências que pretendem explicar a sociedade. E, no entanto, ele está por toda parte: no corpo alimentado, na criança embalada, no idoso medicado, no conhecimento transmitido com paciência, na escuta atenta que sustenta relações, na transmissão da cultura e, ultimamente, no horizonte de preocupação de governos e do sistema econômico.

A sociologia, que se ocupou por décadas das estruturas e instituições que organizam a vida social, começa a reconhecer que o cuidado é também uma dessas estruturas — embora mole, permeável, por vezes silenciosa e relegada à sombra da domesticidade. Joan Tronto (2007) insiste: o mundo não é feito apenas de indivíduos autônomos, mas de pessoas entrelaçadas em redes de dependência e compromisso, responsáveis pelo bem-estar umas das outras. Pesar a dimensão do cuidado nos permite compreender como esse exercício se relaciona e molda as bases da vida democrática, da economia, da justiça e da cidadania.

O envelhecimento populacional, a crise dos sistemas de proteção social, a sobrecarga das mulheres e a precarização do trabalho são apenas algumas faces da crise global do cuidado.

A pandemia escancarou essa realidade, mas ela já habitava as periferias, os lares de migrantes, as universidades, onde mães estudantes equilibram estudos, invisibilidades e a maternagem. Como nos alertam Molinier e Paperman (2015), o cuidado é uma questão política, social e epistemológica.

Relatórios recentes como o “Estado da População Mundial 2025”, publicado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2025), revelam que o chamado “déficit de fecundidade” é, na verdade, um reflexo da insegurança econômica, das desigualdades de gênero e das barreiras estruturais que dificultam o exercício da parentalidade. No Brasil, 39% das pessoas entrevistadas apontam a limitação financeira como principal motivo para terem menos filhos do que gostariam. A carga do cuidado, sobretudo doméstico, aparece como um fator que assusta mulheres e homens, ainda que de forma desigual. Tais dados indicam que a maternidade, dimensão importante nos debates sobre cuidado, precisa ser analisada para além da “decisão pessoal” e deve ser observada também pelos atravessamentos das condições materiais e políticas que delimitam o possível (UNFPA, 2025).

A análise da socióloga Berlindes Astrid Küchemann (2011) sobre o envelhecimento da população brasileira reforça essa urgência. Com o aumento exponencial da população idosa, as demandas por cuidado se intensificam, enquanto o Estado mantém-se ausente ou insuficiente. O resultado é a sobrecarga de mulheres, especialmente aquelas pobres e negras, que continuam sendo as principais responsáveis pelo cuidado familiar. A autora denuncia o modelo que ainda considera o cuidado um dever privado, reforçando padrões de gênero e desresponsabilizando o poder público e a coletividade.

Complementando esse cenário, a matéria publicada na Carta Capital (DETOMI, 2025)³ expõe como a maternidade é sustentada sob desigualdades profundas. Mulheres pobres e negras seguem enfrentando a sobrecarga do cuidado, a criminalização de suas práticas maternas, a indiferença institucional e a ausência de suporte real. A exaustão materna, como destaca a reportagem, é socialmente produzida por estruturas que se beneficiam do cuidado sem reconhecê-lo como trabalho.

Diante das crises anunciadas, — entre elas, o chamado “déficit de fecundidade” que tem alarmado setores econômicos e políticos e reativado discursos sobre colapso demográfico e ameaça à continuidade nacional (como no caso do Japão, que perdeu 1 milhão de habitantes em

³ DETOMI, Ísis. *Cuidado exausto: quem sustenta a maternidade no País das desigualdades*. CartaCapital, 12 de maio 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/br-cidades/cuidado-exausto-quem-sustenta-a-maternidade-no-pais-das-desigualdades/>. Acesso em: 22 ago. 2025.

apenas um ano, segundo dados da BBC Brasil, 2025) — o cuidado também emerge como uma questão transversal. Aqui, mais do que uma resposta emergencial, ele se revela como lente analítica capaz de iluminar os contornos profundos dessas transformações. Essa constatação nos lança uma pergunta incômoda: não seria urgente uma ciência que se debruce sobre o cuidado como dimensão epistemológica estruturante da vida social? Em um contexto em que diferentes áreas das ciências sociais se voltam às crises do trabalho, da democracia, da saúde mental, da parentalidade e da sustentabilidade, a ausência de uma Sociologia do Cuidado plenamente consolidada parece sintomática, e reveladora. O que está em jogo nesse debate não é o reconhecimento do cuidado como objeto, mas o alargamento das fronteiras da sociologia para acolher aquilo que sustenta, nutre, constrói sociedades e faz durar: as relações que nos mantêm vivos.

Este artigo parte dessas inquietações para propor uma reflexão sobre a consolidação da Sociologia do Cuidado como campo analítico próprio, sem perder de vista a tensão entre especialização e transversalidade. Inspirando-se em autoras como Tronto, Held, Gilligan, Hirata, Sorj, Guimarães, Molinier e Paperman, o texto reivindica uma sociologia mais sensível à sustentação da vida, mais atenta às práticas historicamente relegadas ao segundo plano e tensiona os limites disciplinares e epistêmicos da própria sociologia. Convoca-se as Ciências Sociais a reconhecerem o cuidado como uma categoria fundante da vida social — central para a análise das desigualdades contemporâneas, para o redesenho das políticas públicas e para o enfrentamento das crises que atravessam o presente.

2. Tensionamentos na consolidação do campo

Durante muito tempo, a sociologia ignorou o cuidado. Não por falta de evidências de sua relevância, mas porque os olhos com os quais ela olhava o mundo estavam calibrados por uma tradição que valorizava a razão, a autonomia e a produção, em detrimento da vulnerabilidade, da interdependência e da reprodução da vida. Como mostra Carol Gilligan (2024), o pensamento moral moderno foi estruturado por uma lógica masculina que associava maturidade ética à capacidade de tomar decisões baseadas em princípios abstratos, invisibilizando os vínculos afetivos e contextuais nos quais se dá a vida moral real.

O incômodo diante desse apagamento foi compartilhado por diversas autoras feministas que, a partir das décadas de 1980 e 1990, passaram a construir o que hoje podemos reconhecer como a base da chamada Sociologia do Cuidado. Joan Tronto (1993, 2007) foi decisiva ao

propor o cuidado como uma atividade política, distribuída de forma desigual na sociedade e atravessada por relações de poder. Virginia Held (2019), por sua vez, defende o cuidado como um paradigma moral alternativo aos direitos abstratos, alicerçado na responsabilidade relacional.

Na América Latina, autoras como Nadya Guimarães e Helena Hirata enriqueceram esse debate ao demonstrar que o cuidado é também um campo de trabalho desigualmente estruturado, racializado e feminizado (SORJ, 2021). Seus estudos sobre os "circuitos de cuidado" revelam os caminhos socialmente organizados pelos quais o cuidado circula entre famílias, comunidades e mercados, frequentemente sobre os ombros das mulheres mais pobres, negras e migrantes.

Essa perspectiva interseccional rompe com a visão neutra ou universalizante do cuidado e o insere de forma definitiva no coração das disputas por justiça social. Em vez de um ato privado e espontâneo, o cuidado passa a ser compreendido como prática profundamente política, atravessada por desigualdades históricas que configuram quem cuida, quem é cuidado e em quais condições isso ocorre. Essa virada é epistemológica e pode ser lida em três movimentos principais, que são:

- a) A crítica às teorias morais abstratas, como já proposto por Gilligan (2024), ao demonstrar que a maturidade ética pode ser reconhecida também no juízo sensível às relações concretas. Isso quer dizer que decisões éticas não precisam, necessariamente, estar baseadas em regras universais e princípios racionais descontextualizados, como prega a tradição kantiana⁴. Pelo contrário, julgar eticamente pode significar considerar quem está envolvido, quais vínculos estão em jogo, e quais são as consequências afetivas e relacionais de cada escolha;
- b) A resignificação do cuidado como atividade pública e estruturante da democracia, como propõem Held (2019) e Tronto (2007), ao formularem a responsabilidade relacional como categoria política. Isso quer dizer que o cuidado deixa de ser visto como um dever privado ou feminino, e passa a ser princípio organizador das instituições e da justiça. Tronto afirma que nenhuma sociedade pode ser democrática se ignora as necessidades concretas de seus membros e a interdependência que os conecta. Held, por

⁴ A ética kantiana, baseada na razão pura, defende que o valor moral de uma ação está na sua conformidade com princípios universais e não nas consequências ou nos vínculos afetivos envolvidos.

sua vez, propõe o cuidado como valor moral que deve orientar decisões coletivas, superando a lógica abstrata dos direitos por uma ética situada nas relações reais;

- c) A ampliação do campo analítico da sociologia, que passa a reconhecer dimensões antes desconsideradas — como afetos, interdependência e reprodução da vida — como centrais para a compreensão das desigualdades. Ao incorporar o cuidado como chave interpretativa, a sociologia se abre para novos objetos, métodos e sujeitos, deslocando suas fronteiras tradicionais e desafiando a separação entre público e privado, razão e emoção, teoria e experiência.

Esse deslocamento teórico está em sintonia com os dados apresentados na introdução deste artigo e, mais do que resposta a problemas demográficos, emergem como apontamentos para a compreensão de como o cuidado deve ser entendido como eixo transversal que articula trabalho, gênero, cidadania, economia e produção de conhecimento. A Sociologia do Cuidado, nesse sentido, não pode ser concebida como simples ampliação temática da sociologia, nem como apêndice das teorias feministas. Sua emergência aponta para um deslocamento crítico que busca reinscrever no centro da teoria social. O cuidado, ao ser tomado como chave analítica, permite interpretar crises que atravessam o mundo contemporâneo: da fecundidade à exaustão das mulheres, da informalização do trabalho ao envelhecimento populacional, da crise da democracia representativa à fragmentação dos vínculos comunitários. Ou seja, trata-se de compreender como a relegada história do cuidado, sua dimensão formadora da vida, da cultura da sociedade e sua relação com o sistema econômico — que se construiu e se beneficiou das relações desiguais de cuidado — estrutura a cidadania, organiza o tempo social e define os limites da participação política e econômica.

3. Universidade, maternidade e a disputa pelo cuidado como reconhecimento epistemológico

Se a consolidação da Sociologia do Cuidado passa por reinscrever no centro da teoria social aquilo que sustenta a vida, é fundamental observar como as instituições que produzem conhecimento lidam com essa dimensão. A universidade, em especial, aparece como campo privilegiado de análise. Além de sua centralidade na definição do que é considerado saber legítimo, a universidade também opera cotidianamente sob lógicas que desautorizam a presença do cuidado em sua estrutura. Nesse sentido, as experiências de mães universitárias são, para a

nossa análise, mais do que evidências empíricas de exclusão ou desigualdade — elas se tornam, aqui, uma lente crítica e estratégica para tensionar os limites epistêmicos da ciência. Ao visibilizar as contradições entre o ideal de neutralidade científica e a realidade marcada pela interdependência e pela vulnerabilidade, essas trajetórias revelam que, nos dias atuais, o cuidado não está fora da universidade, e sim no coração de sua disputa por reconhecimento e transformação.

A universidade, espaço historicamente forjado sob ideais de neutralidade, meritocracia e racionalidade abstrata, revela-se também um território de apagamentos. Nos últimos anos, pesquisadoras têm chamado atenção para o modo como a maternidade impacta as trajetórias acadêmicas, expondo as barreiras institucionais que mães enfrentam no cotidiano universitário (ABREU, 2021; BITENCOURT, 2013, 2020; DERNER, 2025; MOURA, 2024; SILVA, 2024; ZAGO, 2021).

A mobilização das mães universitárias, expressa em coletivos espalhados por diferentes regiões do país (SILVA, 2024), oferece um campo analítico privilegiado para pensar o cuidado como categoria sociológica. Longe de se restringirem a pautas assistencialistas ou identitárias, essas mulheres protagonizam um movimento que desnuda as fraturas da universidade contemporânea. O que em primeiro plano aparece como busca por condições mínimas de permanência ao reivindicarem fraldários, bolsas permanência, matrícula vinculada, tempo estendido para conclusão de cursos e políticas de acolhimento infantil, quando observado com lente de aumento, revela um forte e potente confronto a um modelo acadêmico construído sobre a cisão entre razão e cuidado, produção e reprodução, ciência e vida.

Sob a lente da Sociologia do Cuidado, o que essas mães explicitam é a urgência de reconfigurar os regimes de valor que sustentam a vida universitária. A maternidade, nesse contexto, funciona menos como identidade fixa e mais como uma posição social e política que revela desigualdades profundas de acesso, permanência e reconhecimento. Como propõe Joan Tronto (2007), reconhecer o cuidado como prática política exige repensar os critérios de justiça e participação. Já Carol Gilligan (2024), que enfatiza os vínculos afetivos e situados como base de decisões éticas, nos ajuda a compreender como essas mulheres subvertem a lógica abstrata da neutralidade acadêmica. Os estudos de Helena Hirata sobre os circuitos de cuidado (SORJ, 2021) iluminam como as relações entre maternidade, classe, raça e trabalho moldam a experiência universitária das mães em condições de profunda assimetria.

Mas todas essas leituras e perspectivas necessitam de um aprofundamento sociológico que compreenda o cuidado e, neste caso, a maternidade como dimensão do cuidado, como

operador epistemológico e político. O que se vê na ação desses coletivos maternos é a recusa em separar o cuidado da produção de conhecimento, e a exigência de uma ciência que se comprometa com as vidas que a constituem. Tais práticas convocam a sociologia a uma autocrítica: ao se manter distante das esferas afetivas e reprodutivas, a disciplina, além de reproduzir as cisões entre razão e emoção, público e privado, reforçou os mecanismos que invisibilizam as experiências das mulheres, sobretudo daquelas que acumulam marcadores de exclusão, e empurrou a dimensão do cuidado para a invisibilidade. A Sociologia do Cuidado, ao tomar essas experiências como campo empírico e teórico, abre a possibilidade de tensionar os próprios fundamentos do fazer sociológico, deslocando-o em direção a um compromisso mais ético, situado e relacional com os sujeitos e com o mundo que investiga.

Importa frisar que olhar para essas experiências não significa sacralizar a figura da mãe, tampouco reduzir a maternidade a um destino ou traço essencial. Sob a lente da Sociologia do Cuidado, o que essas mães explicitam é a urgência de reconfigurar os regimes de valor que sustentam a vida universitária. O que está em jogo justamente, desse contexto, é a desnaturalização dos lugares atribuídos às mulheres na divisão sexual do trabalho, na cultura de estigmatização da maternidade da figura das mães e na disputa pelas formas legítimas de produção de conhecimento. As mães universitárias forçam a entrada do cuidado no campo científico e reivindicam a ampliação das fronteiras da ciência, não para si, mas para todos aqueles cujas vidas escapam ao “ideal do sujeito acadêmico”, autônomo e desvinculado do mundo do cuidado.

Essa disputa também abre caminho para uma crítica mais ampla à racionalidade hegemônica da universidade e tornam públicas a convocação das Ciências Sociais a repensarem os modos de organização do saber e os critérios de excelência científica.

4. Nota Metodológica

Este artigo inscreve-se no campo da pesquisa qualitativa, com forte inspiração nos aportes da epistemologia feminista e da sociologia crítica. Parte-se da compreensão de que toda produção de conhecimento é situada (HARAWAY, 1988; HARDING, 2015), atravessada por relações de poder e marcada por posições sociais encarnadas. A análise aqui apresentada resulta de um exercício de leitura analítica de autoras que atuam na consolidação da Sociologia do Cuidado, bem como de experiências concretas de organização política em torno da maternidade no ensino superior — especialmente aquelas vividas ou acompanhadas pela própria autora.

A metodologia adotada não se propõe à neutralidade, mas à reflexividade (BOURDIEU, 1996; GIDDENS, 1984). O compromisso não é com a objetividade distanciada, mas com a construção de sentidos ancorados em vivências, leituras e escutas atentas. A escolha pelos referenciais teóricos dialoga com essa perspectiva, priorizando autoras que situam o cuidado como categoria analítica, ética e política, em conexão com as desigualdades de gênero, classe, raça e geração.

5. Considerações finais

Mais do que um apelo por reconhecimento teórico, consolidar a Sociologia do Cuidado é uma tarefa que implica escutar, reconfigurar e comprometer-se com a sustentação da vida em suas formas mais cotidianas, desiguais e interdependentes. O cuidado, tantas vezes tratado como uma externalidade moral, emerge aqui como fio condutor da crítica sociológica contemporânea, convocando o campo a rever suas fundações epistemológicas, seus cânones analíticos e suas práticas institucionais.

Ao longo deste texto, defendeu-se que a marginalização do cuidado na teoria social é muito mais do que mero descuido, mas, representa, expressão de um projeto disciplinar moldado por valores masculinos, liberais e produtivistas. Incorporar o cuidado como categoria legítima demanda revisitar o que entendemos por relevância científica, romper com hierarquias temáticas consolidadas e deslocar os centros tradicionais de produção de saber.

A presença de coletivos materno-universitários, os estudos interseccionais sobre o trabalho de cuidado e as proposições ético-políticas de autoras como Tronto, Held e Molinier indicam um caminho analítico potente. Esses aportes reposicionam a disciplina frente às urgências do nosso tempo: um tempo em que a vida, sua reprodução e seu esgotamento, tornam-se categorias centrais de análise.

Assumir o cuidado como um eixo teórico é afirmar que a sociologia deve ultrapassar as fronteiras da denúncia para se tornar também um exercício de reconstrução epistemológica. Trata-se de propor um modo de produção de conhecimento comprometido com a transformação das condições que sustentam, ou impedem, a vida digna. A consolidação da Sociologia do Cuidado, portanto, não diz respeito apenas à expansão de um campo, mas sim, à radicalização de sua capacidade de ler o mundo à luz das relações que o tornam possível.

Referências:

- ABREU, Kamila Eulalio. *Jovens, mães e universitárias: do favor ao direito à permanência*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/repositorio-de-dissertacoes/1f4c22021/20_kamila-eulalio-abreu. Acesso em: 20 abr. 2025.
- BITENCOURT, Silvana Maria. *Maternidade e carreira: reflexões de acadêmicas na fase de doutorado*. Jundiaí: Paco, 2013.
- BITENCOURT, Silvana Maria. A maternidade para um cuidado de si: Desafios para a construção da equidade de gênero. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 24, n. 47, 2020. DOI: 10.52780/res.11407.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DETOMI, Ísis. *Cuidado exausto: quem sustenta a maternidade no País das desigualdades*. CartaCapital, 12 maio 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/br-cidades/cuidado-exausto-quem-sustenta-a-maternidade-no-pais-das-desigualdades/>. Acesso em: 22 ago. 2025.
- DERNER, Cristiani. Políticas estudantis de acesso e permanência para discentes mães da UFRJ: Observações de experiências a partir do Coletivo de Mães da UFRJ(CMUFRJ). Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Orientadora: Cibele Henrique, 16 de julho 2025.
- GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade: bases para a teoria da estruturação*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- HARAWAY, Donna. *Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective*. *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, p. 575–599, 1988. Disponível em: <https://philpapers.org/archive/HARSKT.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- HARDING, Sandra. *Objectivity and diversity: another logic of scientific research*. Chicago: University of Chicago Press, 2015.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2003.
- MOLINIER, Pascale; PAPERMAN, Patricia. Descompartimentar a noção de cuidado? *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 18, p. 43–57, set./dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-335220151802>.

MOURA, Ivana de Oliveira Eugênio de Souza. *Trajetórias universitárias e maternidade: a condição da mulher mãe estudante no ensino superior*. 2024. 101 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Orientadora: Andréia Clapp Salvador.

PLITT, Laura. *Os problemas enfrentados pelo Japão por ter restringido de maneira dura a imigração*. BBC News Mundo, 14 jul. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48916176>. Acesso em: 22 ago. 2025.

SILVA, Juliana Marcia Santos. “A partir do momento que eu vi que não estava sozinha que eu consegui avançar”: coletivos de mães universitárias do estado do Rio de Janeiro sob as narrativas de suas fundadoras. 2024. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.nucleomaterna.org/maternidadeeuniversidade>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SOUSA, José Elielton de; SOUSA, Nayara Barros de. A proposta de Virginia Held de uma defesa da prevalência do cuidado sobre os direitos humanos. *Veritas*, Porto Alegre, v. 64, n. 3, e34634, jul./set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2019.3.34634>.

SORJ, Bila. Estudos sobre o cuidado na sociologia: a contribuição de Nadya Araujo Guimarães e Helena Hirata. *Revista Sociologia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 1089–1097, set./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11n3.e34634>.

TRONTO, Joan C. Assistência democrática e democracias assistenciais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285–308, maio/ago. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922007000200006>.

TRONTO, Joan C. *Moral boundaries: a political argument for an ethic of care*. New York: Routledge, 1993.

UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas), 2025. “A verdadeira crise de fecundidade: a busca pela autonomia reprodutiva em um mundo em transformação.” Nova York: UNFPA. ISBN: 9789211542837

ZAGO, Paula Salete Casado. *Gravidez Na Graduação: Um Estudo Crítico E Necessário Com Estudantes Do Curso De Licenciatura Em Pedagogia Da Universidade Federal Da Fronteira Sul*, Campus Erechim. 2021. 121 f. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Federal Da Fronteira Sul, Erechim, 2021.